

## O processo social e o bordado em Prudentópolis – PR<sup>1</sup>

Profa. Dra. Sandra Mara Techena<sup>2</sup>

Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia<sup>3</sup>

### RESUMO

As tradições são conservadoras e ao mesmo tempo dinâmicas. Entende-se o bordado como agregador de práticas sociais e culturais e como lugar de identidades e de trocas. Tendo em vista esses pressupostos, esse artigo teve como objetivo principal compreender o bordado praticado entre os descendentes de ucranianos. Para alcançar esse objetivo, foram identificadas e analisadas as maneiras como são feitos os bordados e os sentidos e significações que o perpassam entre descendentes de ucranianos.

**Palavras-chave:** Tradição; Memória; Bordado.

### ABSTRACT

Traditions are conservative and dynamic at the same time. It is understood embroidery as aggregator of social and cultural practices and a place of identities and exchanges. Given these assumptions, this article aimed to understand the embroidery practiced among the descendants of Ukrainians. To achieve this goal, we identified and analyzed the ways in which the embroidery and the senses and meanings that pervade among descendants of Ukrainians are made.

**Keywords:** Tradition, Memory. Embroidery.

A história dos ucranianos discutida por autores clássicos dos estudos étnicos, costuma demonstrar como esse povo conheceu o sofrimento provocado pelo domínio de outros povos. Mesmo com enormes dificuldades, por ocasião do processo migratório, a condição de liberdade que o Brasil proporcionava a esse povo era, segundo entrevistados, motivo de extrema felicidade. Os novos padrões de comportamento, os encontros entre sistemas simbólicos diversos, bem como o exercício da aproximação entre as formas de trocas culturais com a sociedade brasileira, em especial com as artes e a religião instigou nossa atenção para a reflexão que aqui apresentamos. As dimensões dominantes da vida social, as instituições religiosas e artísticas fornecedoras de indicativos do exercício do poder, por meio, dos sistemas mágico-religiosos, com suas práticas rituais foram colhidas no processo de investigação, ocorrido junto a população de ucranianos no Paraná, durante a

---

<sup>1</sup> Este artigo nasce do exame de dados coletados por Techena para realização de seu mestrado e doutora com a orientação Profa. Dra. Eliane Hojaij Gouveia do Departamento de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, junto ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais no início do século XXI, junto a cidade de Prudentópolis no Paraná.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

<sup>3</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

segunda década do século XXI. Este movimento demonstrou que os imigrantes, em especial, os mais velhos podiam falar livremente a sua língua<sup>4</sup>, cantar, rezar, escrever, ler, aprender, ensinar, dançar, ou seja, fazer o que antes não lhes era permitido quando residentes na Ucrânia.

As histórias de vida destes imigrantes, constituíram-se matéria prima para dar voz a esta população, com trajetórias de vidas ricas e repletas de narrativas de vivências em paisagens desconhecidas. Para melhor localizarmos tais experiências recorreremos a coleta de histórias de vida das mulheres mais velhas, hoje moradoras da região.

Nas narrativas das mulheres mais velhas, pudemos perceber que a religião já internalizada por elas, foi fortificada em suas memórias com vinda de missionários ucranianos para o Brasil, formando um traço social importante para essa cultura européia aqui fixada, pois possibilitou a manutenção da unidade linguística e de suas tradições, como presente no relato de Maria Rosa ao dizer:

A igreja ucraniana no Brasil é um centro cultural e espiritual. Procuramos manter a cultura e a espiritualidade nesse momento. Nós continuamos hoje ensinando, por exemplo, bordar, ler, escrever e falar ucraniano e a pintar a pêsanka. A igreja e a cultura ucraniana andam muito juntas, tanto é que quando se fala de cultura eu já vou integrando a igreja. Eu acredito que a igreja foi e é ainda forte na cultura, porque a igreja ainda tem muita força, parece que tudo acontece em volta da igreja. Existe um evento cultural quem está promovendo? Algum grupo da igreja. Então ainda cultura e religião andam muito juntas.

O relato indica, pela associação entre igreja e a cultura Ucraniana, a presença marcante da Igreja do Rito Católico Oriental Ucraniano como um importante centro de preservação e difusão da

---

<sup>4</sup> A Língua Ucraniana é uma das três línguas eslavas orientais pertencente ao grupo de línguas Indo-Europeias. As outras duas são o Russo e o Bielorusso. É agora falada em toda a Ucrânia, em partes da Polônia e Eslováquia e em vários grupos nos Estados, Unidos, Canadá e em outros países como: Brasil, Argentina, Austrália, Nova Zelândia, etc. Diferentes manuscritos em Ucraniano apareceram primeiramente no século XII. A literatura moderna ucraniana desenvolveu-se a partir da linguagem coloquial dos séculos XVII e XVIII. Das três línguas eslavas orientais o Ucraniano é mais distante do Russo que do Bielorusso. Esta língua tem diversas vogais e consoantes que estão ausentes tanto no russo como no Bielorusso, além de alguns detalhes na formação de palavras e na sintaxe. Compartilha também alguns sons com o Bielorusso, mas estas duas línguas estão ligadas por dialetos transitórios. O Ucraniano absorveu muitas palavras de origem Polonesa. É escrita com o alfabeto Cirílico. O Alfabeto foi desenvolvido no século IX para uso dos povos Eslavos Ortodoxos Orientais. É baseada em caracteres gregos e, com algumas modificações, constitui o alfabeto dos atuais idiomas: Ucraniano, Russo, Bielorusso, Sérvio e Búlgaro. Embora fosse tradicionalmente atribuído a São Cirilo, pesquisadores acreditam, agora, que o Alfabeto Cirílico teria sido elaborado por um de seus seguidores. Está relacionado ao alfabeto Glagolítico (também atribuído a São Cirilo) usado pelos Eslavos Católicos Romanos até o século XVII e que sobrevive hoje na liturgia eslavônica de algumas comunidades Católicas Romanas da Península Balcânica. É constituído por 33 caracteres ou letras.

cultura desse povo. Esse legado é perceptível, tanto na arquitetura bizantina das próprias Igrejas, idênticas às conhecidas na Ucrânia, como nas manifestações místico-religiosas que remontam a hábitos e tradições sustentados às duras penas na própria Ucrânia. Além disso, as vivências cotidianas identificadas com a criação de comunidades de perfil associativo como clubes ucranianos, festas dentro de um calendário religioso puderam demonstrar que estes imigrantes, no decorrer do tempo narrado buscaram a preservação da cultura tradicional. Exemplo de luta e persistência para preservação da memória e história do povo de origem, as bibliotecas, escolas, e grupos de dança como Veselka, responsável por apresentar danças folclóricas, fazem um movimento de manutenção de inúmeros relatos sobre trajes, músicas e danças procurando garantir a memória e tradição aos seus ancestrais. Com o intuito de guardar viva a memória das lutas dos primeiros imigrantes, a reconstituição histórica da vida e de seus fundadores está sempre presente nas relações cotidianas dos moradores de Prudentópolis. Os relatos históricos voltados para a reconstituição das tradições demonstram que a partir do final do século XIX e começo do século XX, os trajes típicos, segundo dados colhidos junto ao grupo Poltava – Curitiba – PR, passaram a se distinguir em 17 variações regionais<sup>5</sup>, sendo que um dos elementos fundamentais dos trajes são os bordados em cores vibrantes envolvendo o trabalho de tecelões, alfaiates, bordadeiras e joalheiros. Os conjuntos revelam a luxuosa opulência da vestimenta dos nobres, assim como a modesta e não menos elaboradas as roupas dos camponeses.

Os entrevistados fizeram questão de marcar que são três os principais estilos dos bordados ucranianos, que divergem nos motivos e cores: O do Norte da Ucrânia, em que as figuras geométricas são preservadas há séculos, o da Ucrânia central, Leste e Sul, no qual predominam as figuras de plantas e flores e os da Ucrânia ocidental, em que há um processo de transição das figuras geométricas a motivos de flores. Salientam ainda que para a cerimônia do casamento, era a noiva quem bordava a camisa do noivo. Quanto mais bonita a camisa, mais considerados eram os dotes da noiva.

Cada bordado, seja para uso diário ou cerimonial, tem as sutilezas das diferentes regiões da Ucrânia. Através deles temos a perspectiva ucraniana de temas filosóficos tais como o universo, a vida na terra, nascimento, morte e a compreensão revelada da mensagem e do lugar de cada um.

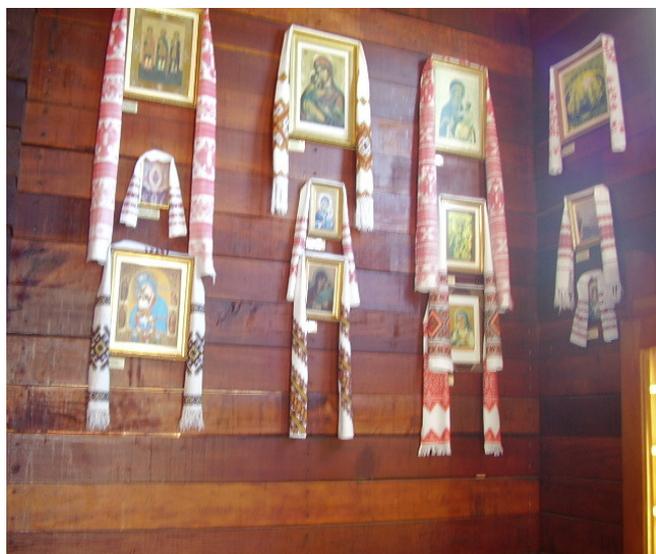
---

<sup>5</sup> Descrição de trajes folclóricos ucranianos do fim do séc. 19 e início do 20 distribuídos em 17 variações regionais: 1. Região de Dnipró - 2. Área de Kêiv - 3. Área de Poltava - 4. Área de Chernihiv - 5. Área de Kharkiv - 6. Região de Podillia - 7. Região do Norte da Bukovena - 8. Região da Políssia - 9. Região da Volenia - 10. Região de Hutsul - 11. Região de Boiko - 12. Região da Zakarpattia - 13. Região de Lemko - 14. Região de Yavoriv - 15. Região de Sokal - 16. Região de Pidliashshia - 17. Região de Kholm - 18. Região de várias influências.

O traje representante da Ucrânia Ocidental é o da região de Hutsul. O traje nacional é o da Ucrânia Central, mais precisamente o da Região do Dnipró. Fonte: Site Poltava.

Certos princípios do bordado combinado em camisas blusas e toalhas têm sido formados durante séculos, porém permanece o princípio inicial da ideia da composição dos elementos vertical e horizontal. As narrativas reunidas durante as entrevistas, com várias mulheres ucranianas do Paraná evidenciam os procedimentos onde os bordados são praticados com ideias definidas, buscando manter acesa a memória dos primeiros ucranianos fixados na região. Centrados em manter viva essa arte milenar responsável por guardar os valores, as identidades da coletividade. Em Prudentópolis, atualmente as mulheres continuam com essa arte não mudando, em nada, a composição dos elementos constitutivos dos movimentos simbólicos próprios da arte de bordar a tradição cultural dos grupos com seus elementos enquanto forma, cor e significado. Exemplo de tal prática, identificamos que após a cristianização no Século X, a cruz e o ramo de parreira se incorporaram aos motivos dos bordados símbolos mágicos de proteção: água, sol, terra e encontram-se presentes nos bordados da atualidade com toda reverência, principalmente quando as bordadeiras de hoje apresentam a associação entre os indicadores da natureza e seus significados simbólicos como apontamos a seguir: – Pássaros: simbolizam as almas humanas. Andorinhas, pavões, rouxinóis, pombos, galos, cucos – *Kalena* (viburno): árvore nativa da Ucrânia, cujos frutos vermelhos são símbolos do sangue e da imortalidade. – Papoula: possui poderes mágicos contra o mal. Um aspecto significativo da presença da tradição internalizada encontramos nos relatos das mulheres, acompanhadas durante nossa pesquisa, quando da constante preocupação em demonstrar conhecimento das tradições revisitadas pelas histórias contadas. A semente da papoula e seus poderes mágicos, apresentaram-se constantemente ao pontuarem vínculo com a socialização dentro de princípios do mundo tradicional. Assim narram: “Antigamente as sementes de papoula, eram abençoadas e aspergidas sobre a multidão para proteção e acreditava-se também que os campos de batalha se cobriam de papoulas na primavera para proteger a todos”. Por outro lado: – Carvalho: árvore sagrada dedicada a Perun, antigo deus da masculinidade; – Videira: energia do amor; – Lírio: símbolo do casamento; – Rosa: flor muito apreciada, significa sangue ardente; – Lúpulo: relacionado com a simbologia da juventude; – Morango: personificação do sol. As mulheres entrevistadas fizeram questão de demonstrar pleno conhecimento a respeito do significado das cores responsáveis pela marca dos bordados ucranianos.

Tanto os bordados tradicionais como os atuais seguem a mesma cartela de cores fortes, vibrantes e iluminadas. Disseram elas durante as entrevistas: “Não se esqueçam as cores básicas do bordado ucraniano são o preto e o vermelho. As cores adicionais são amarelo, azul e verde. No passado, foram



**Rushnyky - Toalhas Rituais – Foto: Tenchena**

tingidas fibras de plantas, linhas e lãs com tinturas naturais de cascas de árvores, raízes, folhas, frutas, flores e sucos de insetos.” Ainda hoje, a pesquisa demonstrou que tais motivos e cores próprios da tradição ucraniana servem de inspiração para as mulheres que fazem bordados na cidade de Prudentópolis.

Além disso, faz parte da tradição ucraniana bordar o rushnyky que são toalhas rituais feitas pelas mulheres e são de extrema importância para a cultura ucraniana. Trata-se de um ornamento bordado ou tecido em tear, no passado usado em toda a Ucrânia, era considerado um talismã mágico e protetor, acompanhava uma pessoa em todos os eventos importantes da vida dela: nascimento, matrimônio, morte. Feito dos melhores linhos brancos, cada região da Ucrânia teve suas próprias cores e motivos do desenho, que mede 3 a 4 metros de comprimento e 40 a 50 centímetros de largura. Era frequentemente usado em vários rituais desde os tempos da Ucrânia pré-cristã, usado para adornar ícones (quadros religiosos) e utilizado em rituais festivos. Pão e sal (símbolos da fartura) são apresentados em um rushnyky para saudar os noivos recém-chegados da igreja. O rushnyky fazia parte do enxoval da noiva; eram mais de dez que ela mesma bordava. Na atualidade o rushnyky é usado pelos ucranianos mais tradicionais da cidade de Prudentópolis para adornar os ícones em suas casas e igrejas de rito ucraniano. Além de constituírem-se adornos os bordados são importantes para todas as comunidades de ucranianos no Brasil, em especial a comunidade de Prudentópolis. Não só para o uso em rituais e nos seus ícones, os bordados são mas também trabalhados como fonte de renda, pois estes são vendidos em feiras artesanais, lojas e festas da comunidade para turistas. Os dados examinados nas fontes documentais e as narrativas das mulheres da região demonstraram os bordados enquanto manifestações artesanais mais expressivas da cultura ucraniana da cidade de Prudentópolis e região. Bordar é um movimento intrínseco no cotidiano das mulheres, presente na vida das entrevistadas desde a infância, é o patrimônio recebido e transmitido pelas mulheres da família, uma herança responsável pela manutenção dos vínculos familiares e comunitários, além de representar status social, conforme relata Nadia: “desde pequena aprendi a bordar, minha mãe bordava mais, ela aprendeu com minha avó, sempre que posso estou bordando, as mulheres que bordam os motivos ucranianos são elogiadas”.

A mulher ucraniana que borda não se torna uma bordadeira apenas porque está empregando uma técnica do bordado, mas porque está inserida num contexto em que bordar possui um significado social em articulação com outros significados, dos quais ela compartilha. Essa simples observação

coloca em relevo o contexto cultural<sup>6</sup>, ou dito de outra forma, a relevância da contextualização das práticas observadas.

A esse respeito, relembramos Geertz (1989), para quem o homem é um animal simbolizante, conceptualizante e pesquisador de significados. Para entender um objeto antropológico, é preciso desvendar sua lógica simbólica, a lógica que orienta as práticas dos atores inseridos em um campo específico, incluindo os conceitos com os quais estão lidando, mesmo que eles não se deem conta de que estão tratando de conceitos.

Nesse contexto, os bordados são, ao mesmo tempo, documentos históricos, peças estéticas e, por vezes, sagradas, os tecidos, ferramentas religiosas e adornos ultrapassaram as barreiras do tempo e do espaço, são verdadeiros símbolos de resistência, identidade e autoafirmação. As formas e o conteúdo das identidades correspondem às táticas para a manutenção da cultura e dos desígnios do grupo que reinventam e reapropriam discursos. Segundo Barth (1976), *“entre todas as identidades que o indivíduo pode ter, a identidade étnica é a que responde de modo mais completo a essas necessidades, porque o grupo étnico representa por excelência o “refúgio” de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós.”*

O bordado é uma marca da relação de um povo com a sociedade de sua época, o bordado que chegou junto com esses imigrantes, proporciona olhares e leituras de realidades vivenciadas pelas mulheres ao longo de suas histórias, além de possibilitar uma análise das relações sociais e da memória por meio de uma prática feminina, artesanal e doméstica.

O bordado como cultura material tem uma biografia, uma trajetória e, desse modo, é fundamental conhecer a relação do objeto com o contexto social – o momento histórico, no qual determinado bordado foi criado.

Para Meneses(1998), as investigações sobre o artefato material no campo da memória levam a formular questões específicas sobre esse tema, *“[...] que tipo de informação intrínseca podem os artefatos conter, especialmente de conteúdo histórico?”* Pesquisar e interpretar os bordados nos possibilita buscar entender o patrimônio cultural de determinados grupos por meio de suas criações e dos significados atribuídos a eles, dando-lhes autenticidade e tornando-os memórias.

Por conseguinte, remeto-me a Thompson (1992), quando diz que *“A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação.”* Bordadeiras idosas narram suas histórias de vida e falam de seus tecidos

---

<sup>6</sup> Para Hobsbawm,(1997) a tradição é entendida em termos de “invenção”, é construída e formalmente institucionalizada. Envolve um conjunto de práticas de natureza ritual ou simbólica, normalmente reguladas por regras que visam inculcar certos valores e normas de comportamento por meio da repetição, o que implica uma continuidade em relação ao passado. Muitas práticas de grupos sociais tornam-se tradições e permitem que os indivíduos se sintam inseridos num contexto sociocultural onde constroem e reelaboram suas identidades sociais que são reafirmadas pela memória. A tradição tem um sentido simbólico e está fora do seu espaço de procedência, seja ele físico ou temporal. A transmissão da dança como visto no capítulo 2, do bordado de uma geração à outra permite que esses saberes transmitidos possam ligar presente e passado.

e criações com os fios. O bordado é memória<sup>7</sup> que repercute de uma geração à outra, que se concretiza por meio da agulha e do tecido. Os bordados e as memórias de vida das bordadeiras descendentes de ucranianos entrevistadas estão situadas em espaços e tempos distintos. Dona Micalina passou dos 100 anos de idade, e sua filha está faixa dos 70 anos, outras entrevistadas estão na faixa dos 40, 20 e 18 anos de idade. Todas nasceram e escreveram suas histórias de vida em Prudentópolis e região. Desde o nascimento, passaram por períodos com transformações sociais, sexuais, culturais, econômicas e religiosas que influenciaram as relações familiares e a condição feminina na sociedade.

Trata-se de histórias individuais ligadas à história coletiva que mostram os processos de construção de identidades, memórias que se materializam nos bordados, uma manifestação artesanal que escapa à documentação oficial, com uma linguagem própria, que se comunica por meio de motivos (figuras, símbolos, monogramas) e texturas. Segundo Burke (2004), são imagens/testemunhas que possibilitam “ler” os pensamentos e as representações de uma determinada época, em um determinado contexto sócio-histórico. O processo construído durante o tempo das narrativas foi marcado pela memória familiar, memórias da convivência e aprendizado escolar com as professoras/irmãs religiosas, memórias do trabalho doméstico e fora do lar, do processo de criação/confecção dos bordados, desde a compra dos fios e dos riscos até o gesto de bordar, as dificuldades imbricadas na produção dos artefatos e da alegria em criar toalhas que enfeitam as paredes e os mobiliários, guardanapos e roupas de cama com monogramas de casamentos, nascimentos e momentos significativos para essas mulheres. As entrevistadas relatam suas experiências de vida e de criação dos bordados em narrativas que mostram mulheres comprometidas com papéis de devotamento à família, ao papel de mãe e de esposa, ao trabalho, à convivência em comunidade e, especialmente, ao cuidado com a própria vida, e o cuidado de manter as tradições ucranianas vivas.

Neste contexto, nota-se que a construção de identidade das mulheres ucranianas que imigraram para o Brasil ocorreu em torno da religião e tradição em que, para muitas, o que prevalecia era a vida em torno da maternidade e dos cuidados da casa e do marido, sempre segundo os costumes passados de mãe para filha.

As mulheres mais velhas, quando entrevistadas, relataram as marcas de uma educação rígida de acordo com os costumes ucranianos nos quais a mulher deveria ser resguardada para o casamento, pois se observa a demarcação entre os papéis femininos e masculinos, outorgando maior liberdade ao homem. A elas cabia a educação dos filhos, o bordado, algumas se destacavam na área administrativa de grupos folclóricos. Mantendo certa invisibilidade da força feminina na região, estas narradoras

---

<sup>7</sup> Segundo Bosi (1994), pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

costumavam marcar que os créditos de todas as difíceis tarefas femininas para a comunidade eram sempre dados aos padres ucranianos e, num segundo plano, às freiras. As mulheres de Prudentópolis, independentemente da faixa etária, explicitaram, em seus depoimentos, reflexos marcantes do processo de socialização voltado para a formatação de identidade associada à vivência religiosa e à responsabilidade pela manutenção e reprodução de um modo de ser mulher ucraniana segundo padrões culturais de perfil tradicional. Assim, pelas palavras de Hall (1997) e o conceito de identidades culturais na pós-modernidade, marcamos o caráter amplo e provisório das mesmas ao dizer:

O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel,”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. (HALL, 1997, p. 12-13)

A afirmação de Hall tem relação com a situação identificada durante o levantamento dos dados referentes ao viver das mulheres ucranianas em Prudentópolis, quando Maria Rosa diz:

*Quando os ucranianos, irmãs, padres visitam o Brasil, eles ficam encantados em ver que aqui ainda se fala, se entende, se preserva a cultura ucraniana. Nós somos uma ramificação deles de mais de cem anos. Com o imigrante e as congregações, padres, irmãs vieram toda cultura ucraniana. Eles não imaginam a extensão da pastoral, do idioma, da língua, da cultura de tudo que se fala e se têm, eles ficam realmente encantados. O imigrante teve que aprender a trabalhar, pois, receberam a pior mas tinham que sobreviver. Essa força vem até os dias de hoje, porque temos ucraniano muito bem-sucedido.*

A afirmação acima demonstrou comportamento peculiar entre a expressão da cultura tradicional ucraniana e a evidência de valores transfigurados por encontros mais fortes com os traços de cultura brasileira. Por meio da religião e da ampla gama de tradições o bordado no dia a dia,

percebe-se que a população expressa as várias formas de identificar-se e fazer-se notar como representante de tal história em movimento. Assim, a religião e as tradições vão tomando contornos diferentes, adaptando-se, renovando-se, sem, contudo, deixar de assegurar a manutenção da tradição em todos os sentidos. Zita, uma das mulheres entrevistadas, refere-se da seguinte forma quanto às missas traduzidas para o português:

*Para te dizer a verdade uma vez só eu participei e é só aqui em Prudentópolis que tem, na colônia não tem, não precisa, não há necessidade porque lá todos entendem a língua ucraniana e falam. Mas na cidade a maioria não entende, então há necessidade. Eu aceito, gosto e participo. A igreja fica lotada, é a melhor maneira de fazer com que essas pessoas que não entendem o idioma conheçam a beleza de nossa missa e passe a valorizar mais.*

A manifestação de Zita rememora a proposta de Hall (1997) quando indica as identidades deslocadas dependendo dos contextos em que a memória e a tradição se manifestam.

O depoimento apresentado mostra ainda a afirmação da identidade que requer sempre autenticação social ou, como afirma Pollak (1992), acerca da construção da identidade como algo sempre relacional:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com os outros.

Assim, a identidade como processo permanente de construção de memória e história de uma povo faz com que as pessoas estabeleçam relação de acolhida ao que vai sendo negociado, acrescentado e transformado de acordo com as novas exigências da sociedade. Como nos explica Pollak (1992), a identidade também está relacionada à questão da memória,

(...) a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência e de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

O apontado pela autora remete-nos ao relatado a respeito de Prudentópolis, quando a memória, social e coletiva, vêm sendo, ao longo dos anos, construídas, resguardadas, reconstruídas e negociadas com destreza por sua população. O que identifica os descendentes de ucranianos em Prudentópolis é o espírito religioso e as suas tradições. O convívio com pessoas religiosas, alegres e

animadas propicia uma linguagem própria do lugar, reforçando a importância dos laços sociais que são estabelecidos no dia a dia.

Portanto, a identidade pode ser reelaborada e apresentar-se de múltiplas formas, conforme, mais uma vez afirma Pollak (1992): “*temos a pluralidade não de objetividade, mas de objetivação, que leva em conta a pluralidade das realidades e dos atos*”. Percebe-se essa objetivação no cenário histórico de Prudentópolis, pois se trata de uma população que carrega, em seu cerne, uma cultura fortemente enraizada nas expressões da cultura ucraniana. Diante disso, a memória tem papel importante na construção da identidade que considera pluralidades e vai se adaptando de acordo com a objetivação do momento.

Assim, como a identidade, a memória é algo vivo e está sempre em construção, portanto na estreita relação entre identidade e memória. A esse respeito, Godói (1993) afirma que:

A memória, no entanto, não é um patrimônio definitivamente constituído; ela é viva precisamente porque nunca está acabada. Verificamos que ela é ativada num contexto de pressão sobre o território do grupo, atuando como criadora de solidariedades, produtora de identidade e portadora de imaginário, erigindo regras de pertencimento e exclusão, delimitando as fronteiras sociais do grupo.

Tal dinâmica é percebida na coletividade de Prudentópolis, pois as pessoas conhecem, reconhecem e se identificam com a história. Os novos atores sociais identificados no processo de transformação vivido na região de Prudentópolis demonstram que, no presente e no futuro, a história será recontada, passada adiante através das gerações. E as tradições ucranianas servem e servirão para manter e guardar a memória daquele povo, as quais são representadas pelos ritos religiosos, pelos ordenamentos das relações familiares, nas cerimônias de casamento, nos batizados, no calendário festivo, nas danças, nos bordados, e nos ícones.

## Referências

AMARAL, Rita de Cássia de Mello Peixoto. **Festa à brasileira. Significado do festejar, no país que “não é sério”**. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo. São Paulo: 1998.

ANDREAZZA, Maria Luiza. **Paraíso das delícias: um estudo da imigração ucraniana para o Brasil. (1895-1995)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1999.

\_\_\_\_\_. **O impacto da imigração no sistema familiar: o caso dos ucranianos de Antonio Olinto, PR.** Abril/2007. Disponível em <[http://www.unisinos.br/publicacoes\\_cientificas/images/stories/pdfs\\_historia/vol11n1/art03\\_andreazza.pdf](http://www.unisinos.br/publicacoes_cientificas/images/stories/pdfs_historia/vol11n1/art03_andreazza.pdf)>. Acesso em: 04 Out. 2009

ASZEWCIW, I. **O milênio do cristianismo na Ucrânia**. Curitiba: Vicentina, 1988.

AUAD, Sylvia Maria von Atzingen Venturoli (org.). **Mulher cinco séculos de desenvolvimento na América Capítulo Brasil**. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, 1999.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: Editora Fundação Unesp, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo, Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas v. 1).

BOSI, Alfredo. **Cultura como tradição**. In: BECKER, David P. **Cultura brasileira tradição/contradição**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/Funarte, 1988.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BORUSZENKO, Oksana. **Os ucranianos**. 2. ed. Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, v. 22, nº 108, out., 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BURKO, Valdomiro. **A Imigração ucraniana no Brasil**. Curitiba: Cobrag, 1963.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: Edusc, 1999.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.

\_\_\_\_\_. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIDDENS, Antony. **Consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GODELIER, Maurice. **O enigma da dádiva**. Lisboa: Edições 70, 2000.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANKSÓ, István; KANTOR, Íris (Orgs.). **Festa: cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001, p. 969.

HALBWACHS, Maurice. **Memória coletiva**. São Paulo: Biblioteca Vértice, Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 1997.

HANEIKO, Valdomiro. **Em defesa de uma cultura**. Rio de Janeiro: Cobrag, 1974.

\_\_\_\_\_. **Uma centelha de luz**. Curitiba: Kindra, 1975.

HOBSBAWM, E., RANGER T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KOTVISKI, Vilson José. **Pêssanka – da Ucrânia pra o Brasil: contexto histórico e manual ilustrado da arte**. Paraná: Kaygangue, 2004.

NAVROSKI, Raquel. **O mito sol nas cantigas de natal e de primavera**. Monografia apresentada à Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO, Campus Irati, 1997.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos**, 3. São Paulo: Ed. Revista dos tribunais, 1989.

\_\_\_\_\_. **Memória e Identidade**. In: Estudos Históricos, v. 5, n.10. Rio de Janeiro: 1992.

POUTIGNAT, Philippe e STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de BARTH, Fredrik**. São Paulo: Unesp, 1998.

SANTOS, Ivan Domingos Carvalho. **Memória Alimentar de Afro-descendentes, Descendentes de Poloneses e Italianos na Cidade de Curitiba**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo, 2006.

SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

SZEWCWUW. I. **O milênio do cristianismo na Ucrânia**. 1. ed. Curitiba: Vicentina, 1988.

TENCHENA, Sandra Mara. **Comunidade ucraniana: suas fronteiras étnicas e a religião.** Revista Nures, n. 14 – Janeiro/Abril 2010 – <http://www.pucsp.br/revistanures> Núcleo de Estudos Religião e Sociedade – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

### Sites

COLÉGIO UCRANIANO. [www.colegiomariaimaculada.com.br](http://www.colegiomariaimaculada.com.br)

GRUPO FOLCLÓRICO POLTAVA. [www.poltava.com.br](http://www.poltava.com.br)

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. População estimada 2007. São Paulo, 14 Nov. 2007. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/default.php>. Acesso em: 03 Out. 2009.

PREFEITURA DE PRUDENTÓPOLIS. [www.prudentopolis.com.br](http://www.prudentopolis.com.br)